O Paraíso

Texto: de Miguel Jesus a partir da *Divina Comédia* de Dante Alighieri
Dramaturgia e encenação: João Brites **Interpretação:** Pedro Gil e Sara Belo
Música e direção musical: Jorge Salgueiro **Cenografia:** Rui Francisco
Figurinos e adereços: Clara Bento **Assistência de encenação:** João Neca
Desenho de luz: Sérgio Moreira **Desenho de som:** Miguel Lima

Participação criativa dos músicos
Ana Raquel Martins (saxofone barítono), João Ferreira (trompete), João Gomes (trombone), João Pedro Silva, Vasco Avença (saxofone alto), Maria Felicidade (flauta transversal), Mário Cabica (clarinete baixo), Miguel Oliveira (trompa), Patrícia Silva (clarinete soprano) e Rodrigo Cardoso (tuba)

Participação especial dos atores
Fabian Bravo, Maria Taborda, Nisa Eliziário, Rita Brito e Suzana Branco

Local e data de estreia
TNDM II
10–20 de fevereiro 2022

Coimbra
Convento São Francisco
5 de março

Porto
Cine-Teatro São João
10–13 de março

•

À Deriva

Texto: Alexandre Honrado a partir de *A Ilha* de Athol Fugard
Dramaturgia e encenação: Luís Vicente **Interpretação:** Luís Vicente, Rogério Boane
Música e direção musical: Rafael Goes. **Cenografia:** Tó Quintas
Figurinos e adereços: Tânia da Silva **Assistência de encenação:** Tânia da Silva
Desenho de luz: Octávio Oliveira **Desenho de som:** Diogo Aleixo

Local e data de estreia
Teatro Lethes
24 de março

Teatro Circo de Braga
12–20 de abril

Barcelos, Badajoz, Albufeira,
Maia, Saragoça, Cáceres, Montemuro,
Loulé, Portimão, Setúbal

•

Ana Clara Santos

Criar um lugar singular: duas coproduções teatrais a sul do Tejo

Neste espaço, decidimos dar conta de duas coproduções do início do ano de 2022, dinamizadas por duas estruturas artísticas da região Sul, que fizeram carreira, nos meses seguintes, na região Centro e na região Norte. Esta é uma forma de atuação no eixo da descentralização cultural no panorama teatral nacional que valeria a pena estudar por serem formas de resposta a questões de ordem financeira e de captação de públicos de sul a norte do país. Por não ser esse o espaço de que dispomos aqui, limitamo-nos a apontar outras questões, não menos importantes, que colidem com estes dois processos de criação.

O Paraíso é um projeto teatral de *longue haleine* orquestrado no papel, segundo a equipa artística do Teatro O Bando, em 2012, a partir da *Divina Comédia* de Dante Alighieri, assente na dicotomia entre um lugar em movimento e um lugar estático; entre um lugar no plano do inconsciente e da fantasia e um lugar no plano do racional e da consciência em construção. Esta dualidade marca não só todo o processo de criação da trilogia, mas alia-se também ao processo de pesquisa e de construção da Persona em resposta às linhas traçadas pela dramatografia e encenação de João Brites, com fortes alicerces no diálogo instaurado entre o amor e a morte na busca incessante de Dante que começou em 2016 no *Inferno* (que estreou em 2017), em 2018 no *Purgatório* (que estreou em 2019) e em 2021 no *Paraíso* (que agora estreou, em 2022). Nesse diálogo estão alinhados os jogos de reconfiguração da cenografia a cargo do arquiteto Rui Francisco: a escadaria em espiral do *Inferno*, as pontes do *Purgatório* e a suspensão flutuante do *Paraíso*, perfeito tabuleiro de xadrez.

A abertura de novas possibilidades face à *contrainte* do dispositivo cénico — no caso do Paraíso, do frasco, do bocal e do banco no seu interior — marcam a tónica ao longo da trilogia. A criação é aqui celebrada como um encontro de múltiplos imaginários dos criadores envolvidos: um contributo de vários artistas, no cruzamento de vários olhares e de várias linguagens, de várias maneiras de sentir para atingir o Singular, o Particular.

A dramatofonia assenta, por sua vez, na atuação da orquestra de sopro. O processo é que vai engendrar o espectáculo, fugindo da alegoria e do arquétipo em busca da Persona, indissociável dos instrumentos musicais e da partitura musical a cargo do maestro Jorge Salgueiro. O elemento musical não é uma junção, é antes uma fonte de contaminação entre o ator e o músico, uma engrenagem na criação de texturas e da respiração. Uma engrenagem que marca o tempo dentro dos frascos em dicotomia com a harmonia fora dos mesmos. Texturas e respiração que interrogam a postura do Homem perante a Morte e que convocam o livre arbítrio na dicotomia entre constrangimento e libertação. Nessa mesma linha se projeta o texto dramatúrgico nos seus diferentes planos de aproximação à morte numa busca do protagonista de respostas para si mesmo no jogo do xadrez da morte à qual se sobrepõe, por momentos, o jogo sexual e erótico.

Várias camadas em torno da ideia de sopro e da graduação dos sons num gesto criador de um coletivo que transforma a magia da palavra em palco em sintonia com a magia da linguagem musical e do canto numa simbiose harmoniosa a que o Teatro O Bando nos habituou, principalmente nesta trilogia em homenagem à linguagem poética de Dante Alighieri num apelo aos sentidos e às emoções. Um gesto criativo, consubstanciado na sua grande intensidade poética, que vai muito para além da sua vertente contemplativa, visual e musical e que nos desafia a todos a decifrar e a resolver o enigma da existência humana na busca da Verdade e da Autenticidade nessa grande cerimónia que é o teatro: "Com amor, a morte é digna de se juntar à nossa festa".

Tal como na obra poética de Dante Alighieri, nesta trilogia a poesia (Vergílio) salva e os estados de almas consubstanciam-se na deambulação por mundos interiores e simbólicos, dos quais emergem as palavras, os silêncios, a música e, sobretudo, as imagens. Imagens e sinestesias que, pela sua força e mestria, não se apagarão tão cedo da memória daqueles que assistiram a este espectáculo e à trilogia completa, como foi o caso de alguns elementos da equipa do projeto Argos- Observatory of the creative processes in the field of performing arts (programa Europa Criativa, 2018-2021) que tiveram o privilégio de acompanhar, em abril 2019, uma fase do processo de criação do *Purgatório*, em Vale de Barris, e que divulga para o mundo, alguns traços do arquivo dessa observação[1].

[1] Cf.https://www.argoseuropecreative.eu/observations/observation-1-integral-observation/

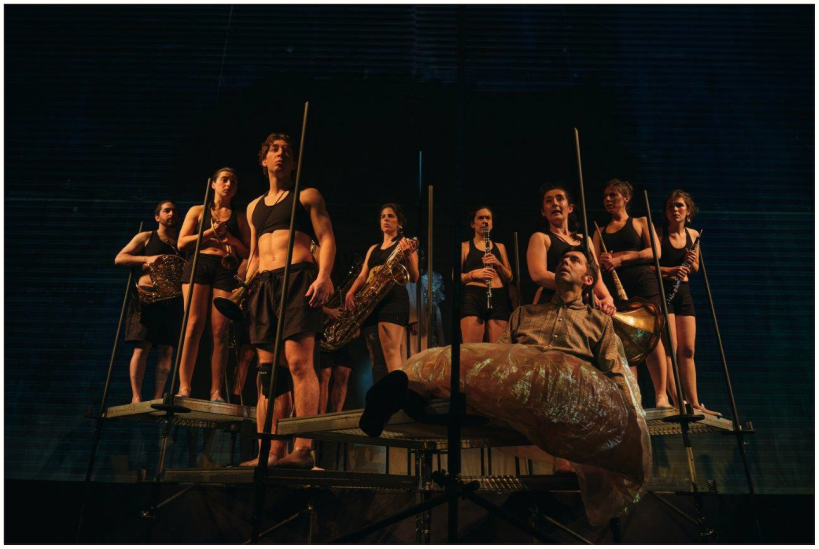

Fig. 1 – *O Paraíso*, Teatro o Bando, Teatro Nacional D. Maria II, 2022 (Maria Taborda, Rita Brito, Suzana Branco, Pedro Gil, Patrícia Silva, Ana Raquel Martins, Fabian Bravo, Nisa Elizário, Miguel Oliveira), [F] Filipe Ferreira

Fig. 2 – *O Paraíso*, Teatro o Bando, Teatro Nacional D. Maria II, 2022 (Pedro Gil), [F] Rita Santana

Fig. 3 – *O Paraíso*, Teatro o Bando, Teatro Nacional D. Maria II, 2022 (Sara Belo, Pedro Gil, Maria Taborda e Patrícia Silva), [F] Filipe Ferreira

O que julga ter atravessado os espaços não saiu do seu lugar

José Tolentino Mendonça

O verso em destaque, retirado do poema "Eclesiastes" da *Teoria da Fronteira* de José Tolentino de Mendonça, lança o mote no projeto Fronteiras da CTB-Companhia de Teatro de Braga. É no âmbito deste projeto que Luís Vicente, diretor da ACTA-Companhia de Teatro do Algarve, propõe a Rui Madeira, diretor da CTB, a realização de uma coprodução entre as duas companhias a partir da obra do dramaturgo Athol Fugard. O dramaturgo sul-africano, mundialmente conhecido pela sua oposição ao regime do Apartheid, não é propriamente um desconhecido do público português. Pelo contrário. Nas últimas quatro décadas, tem merecido o interesse de vários encenadores em Portugal: Luís Miguel Cintra (*Olá e Adeusinho*, RTP, 1983), Rogério Vieira (*Playland*, 1994), João Lourenço (*O Caminho para Meca*, 1995), José Peixoto (*A Lição dos Aloés*, 1996, 2010 e *Vitória*, 2011), Jorge Silva (*A Canção do Vale*, 2008), Beatriz Batarda, (*Olá e Adeusinho*, 2010) e Luís Vicente (*Laços de Sangue*, 2011).

É, pois, a segunda vez que Luís Vicente, diretor da ACTA-Companhia de Teatro do Algarve, revisita um texto de Athol Fugart — o primeiro foi *Laços de sangue* (2011), como acabámos de ver — nesta terceira coprodução da ACTA desde 2017 — após *Um gajo nunca mais é a mesma coisa*, coprodução com a Companhia de Almada num texto e encenação de Rodrigo Francisco (2021) e *História do Cerco de Lisboa*, coprodução com a Companhia de Teatro de Almada, o Teatro do Aloés e a CTB - Companhia de Teatro de Braga, a partir da obra de Saramago, numa encenação de Ignácio Garcia, incluída na programação do 34º festival de Almada (2017).

No espectáculo *À Deriva*, as reminiscências do enredo original relativos ao regime de Apartheid na África do Sul, na ilha de Robben, — num texto escrito por Athol Fugart em parceria com os atores John Kani e Winston Ntshona em 1973 —, ressoam na realidade contemporânea de uma forma estrondosa em torno da questão dos refugiados no Mediterrâneo e de outras partes do planeta, nomeadamente na Europa. Com efeito, para Luís Vicente, "o drama daqueles dois homens de Robben perpetua-se à deriva noutras ilhas e sob outros pretextos" e constitui uma alavanca para conduzir a Arte teatral a colocar os holofotes nos fenómenos migratórios da contemporaneidade e em certas formas de esclavagismo que lhe são inerentes nos dias de hoje e às quais o espectador português não fica certamente indiferente. Esse paralelo não é apenas um paralelo que decorre da leitura dramatúrgica do texto original, enraizado no recurso à técnica do teatro no teatro instaurada pelo dramaturgo sul-africano em 1973 — perante o processo de criação da encenação de *Antígona* de Sófocles pelos dois prisioneiros da ilha de Robben que projetam apresentar esse espectáculo aos seus colegas como forma de protesto e de consciencialização da revolta. Essa substanciação é efetivada nas soluções apresentadas, ao nível da encenação e da cenografia, por Luís Vicente e pelo jovem cenógrafo Rafael Goes. A situação (des)humana de esclavagismo em que se debatem as duas personagens da peça é ampliada pela irrupção da música e das imagens em movimento, cruas e violentas, que convocam irremediavelmente o Real em palco e que permitem ao encenador revisitar a prática do distanciamento brechtiano.

Numa época em que a Arte reveste várias formas de solidariedade, não admira que a receita da bilheteira do espectáculo em Faro tivesse revertido para a Associação de Ucranianos no Algarve.

Fig. 4 – *À Deriva*, ACTA – Companhia de Teatro do Algarve e CTB – Companhia de Teatro de Braga, Teatro Lethes, 2022 (Luís Vicente e Rogério Boane), [F] Rita Merlin

Fig. 5 – *À Deriva*, ACTA – Companhia de Teatro do Algarve e CTB – Companhia de Teatro de Braga, Teatro Lethes, 2022 (Rogério Boane), [F] Rita Merlin